

# NEVOEIRO DE GUERRA OU AS ESTRANHAS TRIBULAÇÕES DA VIDA DE ROBERT STRANGE MACNAMARA

Bruno Cardoso Reis

*Fog of War: Eleven Lessons from the Life of Robert MacNamara*. Documentário de Errol Morris (DVD: Columbia Tri-Star Home Video, 2004)

«Fog of war», nevoeiro ou fumo de guerra... não estou certo de haver uma expressão equivalente em português. Mas faz falta. A ideia é clara, a da incerteza da guerra. A origem do termo também, a confusão de pó e do fumo que diminuía drasticamente a visibilidade dos comandantes militares, que durante grande parte da história humana comandavam as suas forças de um ponto alto próximo do campo de batalha. Hoje continua a ser usado ao nível tático para designar as zonas obscuras no campo de batalha. Graças à evolução tecnológica, especialmente no exército americano, elas estão substancialmente reduzidas. Porém, não foram eliminadas, seja pela óbvia dificuldade de conseguir informações rigorosas em tempo real, seja, por exemplo, pela complexidade da luta de contraguerrilha. Fumo de guerra continua também a ser usado no sentido genérico e, por analogia, como sinónimo da dramática incerteza intrínseca a qualquer acção militar, especialmente de grande escala. É neste contexto que se situam as reflexões contidas no documentário com este título, centrado na figura de Robert MacNamara, ilustre antecessor de Donald Rumsfeld como secretário da Defesa durante as presidências de Kennedy e Johnson, ou mais exactamente entre 1960 e 1967.

O realizador, Errol Morris, ganhou um Óscar com este seu documentário. O filme conseguiu, também graças a isso, uma distribuição comercial mais alargada, primeiro nos EUA, e mais recentemente no Reino Unido, onde está em cartaz há meses. É mais um exemplo de uma vaga recente de documentários que aliam evidentes preocupações estéticas e criativas, com a vontade de marcar o debate de temas centrais da actualidade. A qualidade de *Fog of War* como filme não é a nossa principal preocupação. Mas cabe assinalar que apesar de ter como base uma opção simples – a entrevista autobiográfica – a montagem e a aplicação de efeitos animados a fotos (e mesmo a dados estatísticos) torna o filme, não só mais agradável, como também mais interessante e «legível». A música de Philip Glass é excepcional e ajuda a criar uma atmosfera de adequada gravitas.

Sobretudo há a ilusória naturalidade de MacNamara nos olhar constantemente nos olhos, como se estivesse a responder às nossas perguntas. Para obter este feito o realizador faz a entrevista, não em pessoa, mas através de um pequeno visor na própria câmara (uma invenção cuja patente registou), o que «obriga» o entrevistado a fixar naturalmente a câmara e o espectador. E de facto o grande interesse do filme reside neste estranho sr. MacNamara (ele até tem Strange como apelido, como explica numa das mais divertidas incursões biográficas do documentário).

### **DEPOIMENTO DESASSOMBRADO**

É impressionante o facto da personagem principal deste filme ter na altura da realização do mesmo 85 anos (hoje MacNamara está com 88 anos), e, apesar de por vezes parecer algo cansado, basta ver as imagens iniciais, *clips* de MacNamara a dar indicações ao realizador, para perceber que está longe de ser um reformado indefeso. Mas estaremos perante um exercício de desculpabilização em que Morris teria sido um, aliás, estranho cúmplice, dadas as suas opções políticas? É normal que um filme como este gere debate. É esse o seu objectivo. E se é claro que MacNamara está disposto a admitir erros, quem esteja à espera da admissão de uma política de genocídio deliberado no Vietname, que evidentemente constitui o centro do filme, ficará desiludido. Errol Morris – que deixou Berkeley, um dos centros do movimento antiguerra, em 1975, para se dedicar ao cinema – teve a preocupação de equilibrar o facto de este ser um filme de MacNamara, com a necessidade de evitar que ele escapasse a perguntas desagradáveis mas indispensáveis, para que não se tornasse numa espécie de biografia autorizada. Perguntas, por exemplo, sobre os custos do uso da força nos episódios nos quais MacNamara esteve mais directamente envolvido, embora a níveis diferentes: a Segunda Guerra Mundial e o Vietname. Porém, a verdade é que MacNamara parece querer falar precisamente sobre os aspectos mais negros e polémicos da sua vida. Como ele diz a certo ponto: «we should talk more about killing.» Mesmo que nem sempre goste da insistência nalgumas questões, ou se saia necessariamente bem (vejam-se as suas explicações sobre o incidente naval no Golfo de Tonkin), ele quer perceber o que correu mal. Mais do que oferecer desculpas, ele quer procurar explicações. Suprema vaidade? Talvez. Mas também impressionante determinação. E de um modo geral as declarações de MacNamara não chocam com o cada vez mais amplo conhecimento da documentação da época. Na verdade, uma das forças do filme é precisamente o amplo uso de material documental da época, sobretudo das fascinantes gravações de conversas havidas na Casa Branca de Kennedy e Johnson.

Pelo meio destas guerras, Morris vai interpolando habilmente cliques biográficos. Tudo começa com a Primeira Guerra Mundial e a epidemia pneumónica que, em 1918, matou mais alguns milhões de pessoas enfraquecidas pelas privações guerra. MacNamara escapou milagrosamente, assim como os seus pais que foram contaminados, e as suas primeiras lembranças são das celebrações dessa vitória militar. Aluno brilhante

em Harvard, ele vai ser um dos pioneiros do enorme esforço americano de aplicar métodos científicos, nomeadamente de análise estatística, ao combate durante a Segunda Guerra Mundial. O resultado mais importante foi, claro, o desenvolvimento do armamento atómico. Mas sobre isso falaremos depois. A MacNamara coube aconselhar o general Curtis LeMay na análise da eficácia dos bombardeamentos do Japão. Milhões de civis japoneses morreram, metade da população de Tóquio pereceu num ataque com bombas incendiárias numa só noite (o equivalente a metade da população de Nova York). MacNamara não tem dúvidas em assumir a sua quota de responsabilidade: essa era a lógica das estatísticas que ele compilava, os ataques incendiários eram os mais eficazes. O objectivo era provocar o máximo de destruição e de morte, levando ao colapso da economia e da moral do inimigo. De tal forma que o frio LeMay não teve dúvidas em afirmar que se perdessem seriam julgados como criminosos de guerra! Morris pergunta a MacNamara porquê só se perdessem. Este é um dos pontos em que se fica com dúvidas se a montagem deu espaço adequado à resposta. MacNamara mal tem tempo para a articular. O Japão era o agressor, tinha perpetrado massacre atrás de massacre de civis e de prisioneiros, e, sobretudo, a alternativa poderia ser ainda mais sangrenta – em suma, uma invasão terrestre do Japão prometia ser um banho de sangue. Mas MacNamara deixa a sua lição sobre a necessidade de proporcionalidade na guerra (um velho tema da doutrina da Guerra Justa) e avança para épocas de memória menos heróica.

### **UM «IBM COM PERNAS E BRAÇOS»**

MacNamara regressou à vida civil com a fama de um génio na aplicação de números aos problemas humanos mais complexos. Foi-lhe oferecida a possibilidade de se tornar um académico de topo em Harvard, ou de continuar a aplicar métodos científicos à vida prática. Escolheu a segunda hipótese, segundo afirma para ser útil e também pelo maior desafio. Criou então um departamento pioneiro de pesquisa, na emblemática Ford, então uma empresa em crise. Foi aí que consolidou a sua reputação como um «IBM com pernas e braços», a alcunha que acabou por se colar a este pioneiro da economia pós-industrial, e que começou como um elogio antes de se tornar uma acusação. Tendo em conta as comparações recentes a respeito do Iraque entre mortes em acidentes de viação e mortes em combate, é interessante notar que foi MacNamara o responsável por desenvolver o primeiro programa sério de investigação de segurança automóvel nos EUA, de que resultou, nomeadamente, o cinto de segurança! Certamente poucos se poderão gabar de ter contribuído para salvar tantas vidas. Mas no momento da consagração, em 1960, foi escolhido como o primeiro presidente da Ford que não pertencia à dinastia familiar; o recém-eleito presidente Kennedy, desejoso de ter os melhores cérebros na sua Administração, ofereceu-lhe um novo desafio a que a sua ambição e espírito de serviço não conseguiu resistir, a pasta da Defesa. Ele hesitou, e aparentemente não estava certo de aceitar até se reunir com o presidente eleito, que o

convenceu e minutos depois o apresentou à imprensa. MacNamara mandava agora no seu antigo chefe, o general Curtis LaMay, que tinha assumido o cargo de chefe de estado-maior da Força Aérea.

Neste período o documentário salienta dois acontecimentos centrais. O primeiro é a Crise dos Mísseis de Cuba, em Outubro de 1962. O segundo é o envolvimento no Vietname. Quanto ao primeiro MacNamara insiste em que tudo esteve por um fio. Os chefes militares, sobretudo LeMay, insistiam num ataque preventivo. No final da crise, quando todos celebravam, LeMay, vocifera que não se tinha ganho nada, e que aquela era a altura certa para um ataque preventivo, quando os russos não estavam à espera! Em conversas recentes entre MacNamara e Castro, este último ter-lhe-ia dito que estava igualmente determinado a uma confrontação final, mesmo sabendo o risco que isso representava! Kennedy resistiu às pressões, mas não queria (nem podia, politicamente) parecer fraco. No entanto, relativamente ao momento decisivo, o das duas cartas contraditórias de Khrustchev, e de qual escolher, o documentário pode deixar na audiência uma impressão enganosa de um Kennedy belicista. Na verdade, sabemos que ele estava determinado a conseguir o máximo de pareceres *on the record* (daí tudo ser gravado), e tinha encarregue o irmão Bobby de defender as posições mais pacifistas, que não queria aparecer a defender abertamente, para não fechar prematuramente o debate e ficar menos comprometido em campanhas futuras. Apesar de tudo, há no documentário elementos suficientes para ficar clara a sua determinação em evitar deixar-se arrastar pelas chefias militares para um desastre de consequências irremediáveis. A lição de MacNamara não podia ser mais clara neste capítulo. Toda a gente comete erros. Nenhum comandante pode dizer que nunca cometeu um erro em combate. Ora um erro na utilização de armas nucleares pode significar o fim da humanidade. Como não se podem evitar erros para sempre, a única opção racional é apostar no desarmamento nuclear como a prioridade máxima. Ele destaca ter sido precisamente durante o seu mandato que foi assinado o primeiro tratado de redução do armamento nuclear.

Depois vem o Vietname. MacNamara afirma e procura documentar que sempre teve imensas dúvidas, em privado, sobre a escalada na intervenção. Porém, quando começou a questionar o que diziam os seus próprios números, ou os limites da estatística aplicada às questões humanas, era já, politicamente falando, demasiado tarde. E não há dúvida de que em público ele foi a face científica de uma guerra que estava a decorrer de acordo com um plano rigorosamente delineado e que não podia falhar. É certo que Kennedy, de acordo com MacNamara, tinha decidido começar a reduzir a presença de militares norte-americanos, mas foi morto em 1963, e substituído por Johnson. Este último é citado a dizer a MacNamara que apesar de não o ter dito na altura, sempre achou que essa era uma opção errada, que transmitia uma imagem de fraqueza para amigos e inimigos, era uma confissão de derrota que encorajava outros desafios – era o nascimento da tese do Vietname como teste decisivo da credibilidade internacional dos EUA. O culto do dever e do desafio que vinham caracterizando a carreira

de MacNamara, basta pensar na fortuna que perdeu ao deixar a Ford, criaram-lhe uma situação impossível. Em privado, metade de Washington D.C. conhecia as suas dívidas. Em público ele entendia que devia ser a face de uma política cada vez mais odiada, que se recusava a encarar os factos no terreno, e que estava a sangrar uma geração de jovens norte-americanos. No final, acabou por se demitir, ou ser demitido, enfim, por sair em mútuo (des)acordo com Johnson, em 1967. Este último acabou por decidir não se recandidatar em 1968. Mas MacNamara continuou a recusar-se criticar publicamente a política seguida no Vietname durante anos, e ainda hoje parece sentir alguma dificuldade em entrar no jogo de *finger-pointing*. Teve ainda tempo para uma terceira carreira, talvez não menos controversa mas não focada neste documentário, desta feita à frente do Banco Mundial, e de onde apenas se reformou em 1983. Só depois começou verdadeiramente a falar e a tentar perceber o que tinha corrido mal. Foi deste esforço que surgiram estas suas onze lições.

Mas que interesse têm verdadeiramente estas onze lições de um octogenário? Que contributo dá a reflexão de MacNamara sobre a sua experiência de décadas na guerra e na política, para quem estuda e analisa as relações internacionais hoje? É evidente que não estamos perante um esforço de teorização. Estranho seria num documentário. O objectivo deste filme é dar uma contribuição para a vertente mais histórica e mais prática da análise da política internacional. E desse ponto de vista *Fog of War* parece-nos ser uma aposta bem sucedida. Indo um pouco mais longe, parece-nos que uma lição implícita nestas lições de MacNamara é a crítica, por um dos seus pioneiros, à aplicação cega da metodologia da *rational choice*, dominante na ciência política e no estudo das relações internacionais nos EUA, à decisão política. Os riscos do cientismo e a flexibilidade da supostamente fria análise estatística à pressão política ficam claros no documentário.

### **CONHECE O TEU INIMIGO**

O que não significa que MacNamara, apesar dos enormes custos pessoais e familiares da sua «passagem» pelo Vietname, tenha perdido um profundo optimismo «iluminista». Ele está mais consciente da dimensão trágica da história, mas não se tornou um céptico ou um pacifista utópico – uma das suas lições é, afinal, que, por vezes, é preciso causar danos para alcançar objectivos benéficos, «one has to do some harm to do some good». Aos oitenta e cinco anos ele continua, portanto, a acreditar que é possível mudar o Mundo para melhor, e que o recurso à força pode ser necessário para isso. Quanto a este lado prático em que, como o seu percurso mostra, é tão difícil acertar, a actualidade da sua reflexão sobre o perigo de se confiar excessivamente em cálculos simplistas de poder militar é particularmente óbvia. Mas, para nós, talvez a lição mais importante seja a da importância de perceber o inimigo. Segundo MacNamara, este foi o ponto essencial na resolução da Crise de Cuba, e que falhou completamente na Guerra do Vietname. Se quiseres ganhar, com ou sem guerra, diz-nos MacNamara, conhece o teu

inimigo. Conhecer, não no sentido de aceitar necessariamente as suas razões, mas de compreender o melhor possível o que o move, como se organiza, quais os seus objectivos, até onde pode e está disposto a ir. O conhecimento continua a ser uma arma decisiva. Conseguir uma abertura no meio da fumaça da guerra é difícil mas essencial para prevalecer num conflito internacional. **RI**

## A REGRA DA IMUNIDADE

**T**emos de ter coragem e confiança em nós próprios para manter os nossos próprios métodos e concepções da sociedade humana. O maior perigo ao tratar do problema do comunismo soviético é passarmos a ser como aqueles de quem estamos a tratar.” **RI**

**George Kennan, *The Long Telegram*. Telegraphic message from Moscow, 22 de Fevereiro de 1946, in George Kennan. *Memoirs I* : 559.**